

trabalhou chamando boi, mas sua memória foi marcada por esse terrível aspecto do mundo do trabalho açucareiro.

Os episódios a respeito do trabalho infantil narrados por Angelino e Agnelo oferecem oportunidade de conhecermos alguns detalhes sobre as relações entre trabalhadores de diferentes gerações e funções. Pelas evidências, é possível salientarmos que além da exploração da mão-de-obra pelo proprietário da Usina, os jovens trabalhadores do campo enfrentavam as duras condições de trabalho e aos maus tratos dispensados pelos colegas.

**Figura 18. Meninos no canavial conduzindo burros com cargas de canas. Trabalhadores cortando cana. Usina Dom João (década 40).**



Para quem nascia ou crescia numa família de trabalhadores que exerciam atividades no setor administrativo e fabril, ou outro setor que não fosse a lavoura, a inserção no mundo do trabalho açucareiro dava-se como “aprendiz”, termo utilizado para designar trabalhadores que iniciaram na adolescência sua vida produtiva.

Ao contrário dos meninos que “chamavam boi”, que adentravam no mundo do trabalho a partir dos sete ou oito anos de idade, os aprendizes iniciavam suas atividades na adolescência, a partir de 14 anos de idade. Exerciam função de aprendiz os filhos, netos ou parentes de trabalhadores qualificados, da parte fabril, do setor de escritório, dos transportes e do setor administrativo.

Os aprendizes, não enfrentavam as péssimas condições de trabalho dos meninos que “chamavam boi”, o que explicita, agora a partir das características do trabalho infantil, a grande diferenciação que havia entre os trabalhadores da sede e os trabalhadores do campo, na Usina D. João. Ao longo da pesquisa, essa diferenciação mostrou-se muito evidente, mas parecia abrandar-se, pelo menos um pouco em alguns momentos.

Esses momentos referem-se aos sentimentos e memórias, que tanto os trabalhadores que exerceram atividades no campo, quanto na sede, compartilhavam sobre a figura de Getúlio Vargas, o advento das leis trabalhistas e das mudanças que elas implicaram. Mesmo que, muitas vezes, os trabalhadores da Usina D. João, principalmente os do campo, não tenham sido beneficiados por elas. Observemos a seguir.

## CAPÍTULO IV

### Getúlio Vargas na memória dos trabalhadores da Usina Dom João

O apelido que botaram em Getúlio foi Gegê.  
Gegê que até tinha a cantiga eu não me lembro mais não.  
Só me lembro que era assim:

*“Ah! Gegê! Ah! Gegê!  
Que saudades que saudade  
Nós temos de você!  
O café disse que desceu de preço.  
A carne seca também andava por cima  
não abaixava pra ninguém”<sup>123</sup>.*

(Depoimento de Dejanira dos Santos,  
trabalhadora da lavoura açucareira na  
Usina Dom João)

Durante a pesquisa, alguns trabalhadores, em seus depoimentos, fizeram referências a Getúlio Vargas e à legislação trabalhista. Tais depoimentos revelaram traços marcantes do imaginário social construído pelos próprios trabalhadores em torno da figura de Vargas. Ao mesmo tempo em que vários aspectos da pesquisa apontavam para o passado anterior do tempo dos engenhos, as referências ao trabalhismo me fizeram ver que esses trabalhadores, embora, muitas vezes, associando sua memória ao cativo, falavam muito de direitos no período republicano.

Apesar disso, ainda é comum encontrar na produção historiográfica mais recente a afirmação de que os trabalhadores rurais estavam ao largo das transformações havidas a partir da legislação de Vargas, sobre o qual recolhemos relatos como:

---

<sup>123</sup> Trecho de música cantada durante a entrevista pela trabalhadora Dejanira dos Santos. A música intitulada “Ai! Gegê”, é de autoria de João de Barro e José Maria Abreu, 1950.

Getúlio Vargas quando morreu quem carregou foi os pobres. E nós botou luto quando ele morreu (...). Getúlio Vargas endireitou o mundo abaixo de Deus. A gente trabalhava de seis as seis ele cortou. Ele cortou aquela hora. Botou o salário mínimo o salário era (...) ele botou. A gente ganhava três mil réis, quatro mil réis, cinco mil réis. Ele botou pra 120 mil réis. Antes de Getúlio o trabalhador não valia nada. Depois de Getúlio o trabalhador valeu alguma coisa.

Mataram ele porque ele ia ser “rei”. Ele ia ser “rei” do mundo. Porque quando ele morreu, ele já tava governando há não sei quantos anos. Ninguém tirava ele. Ele governava sozinho! Ele governava sozinho! Não tinha ninguém pra dá conselho a ele fazer pra nada (...).

Os trabalhadores choraram (...) quando mataram ele. Botaram a pistola de junto dele pra dizer que foi ele que se atirou. Parou o Brasil e ninguém botou a mão no caixão dele. Era só o pobre. Ninguém pegou. Rico nenhum pegou<sup>124</sup>.

O trecho acima, é de um depoente que nos anos em que Getúlio Vargas atuou no cenário político brasileiro, foi um trabalhador rural. Trata-se de José Bitencourt dos Santos, com 98 anos na época da entrevista, nascido em 1907, em São Francisco do Conde. Bitencourt adentrou no mundo do trabalho açucareiro ainda na infância, através dos tios que também foram trabalhadores rurais. Antes de migrar para a Usina Dom João, trabalhou, nas décadas de 20 e 30, em outras usinas do Recôncavo baiano, como ele mesmo informou: “*Eu trabalhei em muitos lugares. Eu trabalhei na Usina São Paulo. Trabalhei na Usina Maracangalha. Trabalhei na Usina Santa Elisa. Trabalhei na Usina Passagem*”. Iniciou suas atividades na Usina Dom João no ano de 1935, na função de carreiro, sendo que nos anos que antecederam a falência da mesma, promovido à função de vigia.

Na memória de José Bitencourt, Getúlio Vargas ocupa um lugar privilegiado, isto porque o depoente alcançou todas as etapas dos governos exercidos por Vargas: como chefe do Governo Provisório (1930-1934); como presidente eleito através de sufrágio

---

<sup>124</sup> Depoimento de José Bitencourt. São Francisco do Santos, Bahia, 25 de janeiro de 2006.

universal indireto; como chefe do Estado Novo (1937-1945) e novamente como presidente (1951-1954). Alcançou também o seu suicídio em 24 de agosto de 1954, fato que gerou comoção nacional e diversas opiniões.

Na entrevista cedida por José Bitencourt, foi possível perceber claramente o entusiasmo e saudosismo com que rememorou a respeito de Vargas. Durante a entrevista, observei que uma espécie de fascínio tomou conta dos sentimentos do depoente ao afirmar que *“Getúlio endireitou o mundo abaixo de Deus”*. Esse fascínio não se limitou às palavras, pois também se revelou através da forma como o depoente se comportou na entrevista, ao tratar da temática Vargas. Ele narrou com contundência e convicção as iniciativas governamentais no campo do trabalho, como se tivesse sido beneficiado diretamente pela legislação trabalhista, especialmente quanto à jornada de trabalho: *“Trabalhava de seis as seis, ele cortou”*, recordou-se ele.


Apesar de declarar que Getúlio Vargas havia reduzido a jornada de trabalho para oito horas diárias, o depoente cumpria uma longa jornada de trabalho na Usina, possivelmente, com mais de dez horas de trabalho no campo. Apesar dessas contradições presente nesse depoimento, de remeter a Getúlio a diminuição da jornada de trabalho, mesmo quem esse benefício não fizesse parte do seu cotidiano, o que nos interessa é perceber como essas idéias a respeito de Getúlio e as leis trabalhistas foram sendo formuladas e apropriadas pelos trabalhadores da Usina Dom João.

A memória de Bitencourt não demarca balizas cronológicas precisas. Porém, as evidências demonstram que a memória individual desse depoente demarca dois tempos: *“antes de Vargas”*, quando o trabalhador não tinha valor nenhum, e, *“depois de Getúlio”*, quando o trabalhador passou ser assistido e protegido por leis trabalhistas, o que levou Bitencourt a salientar que *“Getúlio endireitou o mundo abaixo de Deus”*.



**Figura 19. Ficha de registro de José Bitencourt. Usina Dom João.**

N. 512  
*Bitencourt*



Nome José Bitencourt dos Santos

Filiação { Pai -  
Mãe Maria Joana Santana

Carteiras { Profissional N. 29907 Série 147  
Instituto I A P I N. 16 228 386  
Reservista N. \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_ Categoria \_\_\_\_\_  
Estrangeiro \_\_\_\_\_

Sindicato a que pertence \_\_\_\_\_ Matricula n. \_\_\_\_\_

Estado Civil Casado<sup>o</sup> Instrução: Nula Idade 55 anos

Data do nascimento: 11 de Setembro de 1907 Nacionalidade: Brasileira

Lugar do nascimento São Francisco do Conde-Bahia.-

Residência Dom João Data da admissão 8 / 11 / 62.-

Quando estrangeiro: Data que chegou \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ É naturalizado? \_\_\_\_\_  
É casado com brasileira? \_\_\_\_\_ Tem filhos brasileiros? \_\_\_\_\_

Categoria e ocupação habitual Vigia Salário 298,70 diários

Para trabalhar das 7 às 16 horas, com o intervalo de 1 horas para refeição e descanso,  
e aos sábados das 7 às 16 horas; num total de 48 horas semanais.


Fôrma de pagamento Quinzenal Nome dos beneficiários \_\_\_\_\_

Assinatura do empregado José Bitencourt dos Santos Polegar direito

Data \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Data da dispensa 17 / 12 / 68

Fólio do livro de anotações \_\_\_\_\_



A memória coletiva de outros trabalhadores, oriundos da lavoura açucareira, foi também fortemente marcada pela figura de Getúlio Vargas. Para Rivaldino Lima, Getúlio foi o nome que marcou para sempre a história do Brasil, e possibilitou ao trabalhador se alimentar melhor, principalmente o trabalhador do campo, que muitas vezes passava fome:

O homem que deixou o nome no Brasil, e ainda tá o nome dele. Falou no nome de Getúlio Vargas [...], o homem que deixou o pirão da mesa da gente foi ele. É por isso que ainda tá firmado ainda. Foi o homem que deixou o pirão da mesa do Brasil foi ele, e da gente fraca. Porque ele deixou o nome dele em tudo<sup>125</sup>.

Rivaldino de Lima, com 82 anos na data em que concedeu a entrevista, nasceu no ano de 1925, e desde a infância trabalhou na lavoura canavieira. Antes de migrar para Dom João na década de 40, trabalhou na usina Aliança:

Eu trabalhava na usina Aliança. Eu era carreiro de lá da usina Aliança, trabalhei 18 anos, lá na usina Aliança, depois vim pra aqui. Trabalhei na usina Dom João até ela fechar. Trabalhei no campo muito. Porque eu não trabalhava na usina, trabalhava no campo, carreando. Carreei com o finado Aloísio. Trabalhei com burro. Eu cortava cana, enchia vagão, enchia caminhão, carreta. Trabalhei em destoca de pasto, plantação de capim para gado. Comecei a cortar cana. Era cana queimada quando não era cana queimada era cana despilhada, entendeu? E depois comecei a encher carreta, de carreta comecei a encher vagão, de vagão comecei a encher caminhão de cana (...).

Depois de Getúlio as coisas melhoraram pra nós (...) porque ele foi o único que pensou nos fracos. Ele criou a carteira de trabalho e diminuiu nossa hora de trabalho<sup>126</sup>.

Rivaldino, em seu depoimento, fala resumidamente do panorama de sua trajetória no trabalho rural açucareiro, e, assinala que Vargas foi responsável por possíveis melhorias no cotidiano e na sua longa jornada de trabalho. Para Rivaldino,

---

<sup>125</sup> Depoimento de Rivaldino Lima. São Francisco do Conde, Bahia, 15 de outubro de 2004.

<sup>126</sup> Depoimento de Rivaldino Lima. São Francisco do Conde, Bahia, 15 de outubro de 2004.

Vargas era o “*homem que deixou o pirão na mesa da gente fraca*”, apesar de, concretamente, sempre esses trabalhadores dependerem do sistema de vale do armazém da Usina, e não serem supridos o suficiente para o duro trabalho no campo, como discutimos anteriormente.

Porém, o que nos interessa é perceber como os trabalhadores interpretaram as políticas da chamada era Vargas, e quais balizas temporais eles construíram para delimitar o trabalho antes e depois de Vargas. Em artigo intitulado “*Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas*”<sup>127</sup>, Ângela de Castro Gomes e Hebe Mattos procuram investigar como no período do Estado Novo, numerosos e diversificados cidadãos comuns perceberam e reelaboraram as idéias, propostas e projetos de Getúlio Vargas. As autoras, através do uso de entrevistas com trabalhadores descendentes de escravos, que viveram na Era Vargas, obtiveram informações e interpretações desse período, através da memória de pais e avós. Além disso, buscaram

mapear formas de absorção de idéias, formuladas como projetos políticos datados, e que passam a integrar a memória de grupos sociais por longo período de tempo, constituindo-se em um verdadeiro imaginário.<sup>128</sup>

Tomando como base os depoimentos que fizeram referências a Vargas, averiguamos que sua figura foi mais enfatizada pelos trabalhadores mais velhos, os seja, àqueles depoentes que na época da pesquisa estavam na faixa etária a partir dos oitenta anos de idade. Isso indica que os relatos referentes à Vargas foi mais presente entre

---

<sup>127</sup> GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. “Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998, pp. 121-143.

<sup>128</sup> Id. Ibid.



aqueles que vivenciaram os períodos de sua atuação, ou seja, não foram frutos de narrativas de pais ou avós, mas da experiência dos próprios depoentes.

Entretanto, tivemos como exemplo um trabalhador que fez referências ao período de Getúlio Vargas como se o tivesse vivenciado. Trata-se de João Barbosa, nascido em 1941, com idade de 65 anos, quando concedeu a entrevista. No período em que iniciativas governamentais em relação à questão trabalhista foram contempladas pelo governo Vargas, João Barbosa, começou a trabalhar, aos sete anos, ajudando seu pai. Na Usina Dom João, exerceu a função de trabalhador do campo. Mesmo não acompanhando diretamente as ações do governo Vargas, José Barbosa fez referências ao período em que Vargas esteve no cenário político, como se tivesse vivenciado, como alguns dos depoentes:

Getúlio Vargas foi ele que resolveu esse problema de salário mínimo, quem fez foi ele. Foi criado o salário mínimo por ele, férias, décimo terceiro, isso tudo foi ele. Agora mesmo os direitos que ele deu, muitos direitos eles tavam querendo tirar, mas só que não aconteceu. Há um tempo aí, eles tavam querendo tirar. Os direitos do trabalhador foi ele que deixou. Que o salário da gente era pra tá um salário na faixa de R\$ 800,00 (oitocentos réis), a gente tem uma merda de salário. Ele sempre lutou pelos fracos, pelos pobres<sup>129</sup>.

Possivelmente, a opinião e a interpretação das ações de Vargas, na memória de José Barbosa, foram frutos de informações que obteve, possivelmente com seu pai e com os trabalhadores mais velhos, dentre outros. Visto que, o mesmo, no segundo governo Vargas, estava na idade de 13 anos de idade. A idéia associada a Getúlio Vargas como guardião dos pobres, dos fracos é reiterada na narrativa do entrevistado.

Apesar dos semelhantes discursos, e das diferentes idades, esses trabalhadores rurais da lavoura açucareira não foram incluídos na Consolidação das Leis do Trabalho,

---

<sup>129</sup> Depoimento de João Barbosa. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006.

outorgada em 1943. A legislação trabalhista contemplou os trabalhadores urbanos. Entretanto, os trabalhadores rurais assumiram uma postura de como se fossem beneficiados por esta legislação. Mesmo assim, a extensão dos direitos trabalhistas ao trabalhador do campo, aconteceu em 1963, com o Estatuto do Trabalhador Rural, no governo Jango.

Ângela de Castro Gomes<sup>130</sup>, ao analisar como as noções sobre as leis e direitos conquistados pelos trabalhadores urbanos são apropriados, e como *circulam* no meio rural, evidenciou o rádio como um dos principais componentes neste processo de circulação das propostas provenientes do governo Vargas.

Nessa pesquisa, pudemos verificar que, na Usina Dom João, fixada em terras do Recôncavo baiano, as propostas políticas das iniciativas governamentais da era Vargas foram recebidas pelos trabalhadores rurais, também através desse poderoso veículo de comunicação da época: o rádio. Vejamos.

- Eu me lembro do nome de Getúlio Vargas. Francisco Dorneles de Vargas. Getúlio Vargas morreu em 54, em 24 de agosto, já tinha rádio.

- Como o senhor soube?

- Na casa dos outros porque eu mesmo não tinha rádio<sup>131</sup>

Vejamos outro depoimento que demonstra a veiculação de informações através do rádio na Usina Dom João.

Vi muita gente chorar nos dia que Getúlio suicidou-se. No dia que Getulio suicidou-se eu estava plantando uma malhada de capim.

---

<sup>130</sup> GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

<sup>131</sup> Depoimento de Mateus dos Santos. Santo Amaro, Bahia, 29 de setembro de 2004.

Quando passou um rapaz lá chamado Paulo Machado (...). Eu tava plantando capim no fundo da minha casa de residência na fazenda no dia que Getúlio morreu. Aí Paulo Machado passou e disse:

- Você não soube o que aconteceu não?

- Não. (eu disse)

- Getúlio suicidou-se

Eu aí, peguei o rádio e me mandei pra usina. Cheguei na usina, o chefe de campo na época, Manoel Ezequiel Amaral, aí quando acabei de chegar Dr. Otávio Junqueira Ayres, tio de Rodolfo Tourinho, filho de D. Nanita ele tava lá chorando, chorando. Chorando a morte de Getúlio<sup>132</sup>.

Os depoimentos mencionados revelam a *circularidade* das informações, e como elas foram *apropriadas* pelos trabalhadores, através do rádio. Durante o Estado Novo, instrumentos de divulgação escrita, audiovisual e radiofônica difundiram uma série de iniciativas governamentais, a fim de tornar visível e perdurável uma imagem positiva de Getúlio Vargas. Segundo Ângela de Castro Gomes:

Durante o primeiro governo de Vargas, especialmente no período do Estado Novo, pode-se acompanhar uma série de iniciativas governamentais, no campo das políticas culturais, tendo em vista localizar e legitimar não só os arranjos institucionais do regime, como igualmente a figura de seu chefe, Getúlio Vargas. (...). Esta iniciativa e esta figura se transformam, assim, no referencial por excelência de um novo tempo, obscurecendo todos os seus antecedentes<sup>133</sup>.

A Revista “*Cultura Política*”, os programas de rádio “*A Hora do Brasil*” e o programa “*Falando aos Trabalhadores*”, foram veículos de propagandas do Estado Novo, nos anos de 1940. Como foi evidenciado, o rádio foi o meio de comunicação que emitia informações dos feitos do governo de Vargas, feitos esses lembrados pelos trabalhadores:

---

<sup>132</sup> Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

<sup>133</sup> GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. “Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998, p. 128.

Esse deixa saudade, né? Quando Getúlio morreu você lembra quando ele morreu? Em 1958 [1954]. Fora nessa época que eu tava entrando na linha de ferro pra trabalhar. No dia que ele suicidou-se então, quando a gente veio saber, já foi umas quatro horas da tarde. Porque a comunicação era difícil. Ainda mais que a gente morava na roça. E nesse tempo exatamente eu tava na roça. Nessa tarde quando chegou a notícia foi uma tarde de tristeza porque ele era muito querido, e aí ele suicidou-se. Foi em 1958 [1954]. Ele foi bom porque ele deixou muita coisa. Já cortaram a maioria. Mas ainda estamos usufruindo porque não tinha salário.”<sup>134</sup>.

A memória coletiva dos trabalhadores, oriundos da lavoura açucareira, foi também fortemente marcada pela figura de Getúlio Vargas, a partir do Estado Novo, até o suicídio em 1954. A morte de Vargas foi lembrada foi outro fato lembrado com riqueza de detalhes. Assim como, também evidenciamos a relação feita entre os direitos da Era Vargas e os sofrimentos do período escravista, ainda presente, para muitos trabalhadores, em seus cotidianos:

- Todo mundo sentiu a morte de Getúlio. Todo mundo parou. Quem foi que não parou na morte de Getúlio?
- Os trabalhadores do campo pararam também?
- Eles já parava por outras coisas quanto mais pelo (...) Todo mundo parou, ninguém reclamou pela parada não. Todo mundo parou. (...). Porque até Getulio, já não era escravidão mais. Mas foi praticamente um saudosismo da escravidão, o regime era forte.
- Porque o Sr. diz que havia um saudosismo da escravidão?
- Porque nós tínhamos um resíduo ainda de leis da escravatura, aquele servilismo, ninguém podia dizer não. Quem dizia não a um Sr. rico, compreendeu? Branco, compreendeu? Quem é que dizia?<sup>135</sup>.

Referências aos direitos sociais, apontados pelos trabalhadores, como iniciativas associadas a Getúlio Vargas, são questões que buscamos trazer à tona. Além das pesquisas de Ângela de Castro Gomes, há pesquisas inovadoras e recentes das historiadoras Ana Lugão Rios, Hebe Mattos, Maria de Lourdes Jannoti Mônaco, Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, dentre outras, que caracterizam a forte presença de Vargas

---

<sup>134</sup> Depoimento de Germínio dos Santos. São Francisco do Conde, 24 de janeiro de 2005.

<sup>135</sup> Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

no imaginário popular e social<sup>136</sup>. É a partir dessas perspectivas pioneiras, que estamos tentando compreender como os trabalhadores da Usina Dom João, especialmente os rurais, absorveram e formularam idéias acerca da Era Vargas.

A memória desses trabalhadores rurais foi marcada pela figura de Vargas, contudo, a característica marcante nas memórias desses trabalhadores reside na reinterpretação que eles fizeram das políticas públicas do período de Vargas, e, além disso, como deram sentidos a outros personagens da História.

Cecílio Gramosa, 95 anos, nasceu em 1911, em São Francisco do Conde, numa das propriedades pertencentes à Usina Dom João. Sua mãe faleceu devido a problemas de parto, quando ele ainda era criança. Seu pai, trabalhador rural, teve a dura missão de criar os cinco filhos, e inserir alguns deles no trabalho da lavoura canavieira. Um desses filhos foi Cecílio, que ainda garoto, aos oito anos de idade, começou a trabalhar na lavoura:

Eu passei trabalhando, chamando boi. Cortei cana, depois passei a amestrar carro, a ser carreiro, depois (...) trabalho pouco (...) eu arriei e fui cortar cana. No verão cortava cana, vinha inverno limpava a cana, cavava coveta, cavava valeta, fazia cerca. Fiz todo trabalho de campo no meu tempo de usina eu trabalhei e conheço até quando a usina faliu<sup>137</sup>.

---

<sup>136</sup> Ver GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. “Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998, pp. 121-143; GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005; JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco, “O imaginário sobre Getúlio Vargas”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998, pp. 91-119; RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe. Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; BATISTA, Carina, O diálogo dos tempos: memória da escravidão, história e identidade racial entre os afro-brasileiros. Dissertação de mestrado, UFF, Niterói, 2002.

<sup>137</sup> Depoimento de Cecílio Gramosa. Santo Amaro, Bahia, 29 de setembro de 2004.



Cecílio começou a trabalhar na infância chamando boi, cortando cana, limpando cana, “*cavando coveta*”, “*cavando valeta*” e “*fazendo cerca*”. Do trabalho de infância não traz boas recordações. Fez questão de tentar esquecer os tapas e xingamentos que recebia dos carreiros. Trabalhou durante toda sua vida na lavoura canavieira, mesmo depois falência da Usina Dom João, onde viveu parte de sua vida, cresceu, casou e teve filhos. Foi com entusiasmo que lembrou dos tempos de Getúlio Vargas, no cenário político brasileiro, fazendo um revelador contraponto entre a Princesa Isabel e Vargas:

Getúlio foi o homem que lutou pelos fracos. Foi o homem que deixou a pirão na mesa da gente fraca. Com ele veio a lei (...). A lei veio confirmar tudo. A gente não tinha direitos, antes dele. Getúlio Vargas criou o Ministério. Getúlio Vargas criou os direitos seus, criou a carteira de trabalho (...), criou tudo. Esse negócio de férias foi Getúlio Vargas que deixou. Getúlio Vargas foi um homem direito. Quando ele se matou me senti mal, fiquei triste. Me senti triste porque foi o homem do país pra nós. Que a princesa Isabel disse que libertou não foi? Mas, não ela deu um (...), a gente ficou sempre aquela pessoa preso.

A princesa Isabel libertou, mas a gente ficou trabalhando das seis às seis, até uma hora da manhã a pulso, fazia a pulso, se não fizesse ia pro tanque de mel, ia apanhar! Tá liberto tá! Ói, a princesa Isabel, libertou não foi? Libertou, é certeza, mas a gente ficou cativo. Mas, Getúlio Vargas quando foi presidente, assumiu, aí disse o quê? Vou contar oito horas de relógio por dia, pra pessoa só trabalhar de sete as quatro. Criou o Ministério pra ter os direitos. Assinar a carteira veio de Getúlio, não é isso mesmo? Tudo de bom pra nós veio de Getúlio Vargas<sup>138</sup>.

O depoimento de Cecílio é muito rico, visto que a característica mais marcante na narrativa do depoente reside na construção balizas históricas e temporais, entre o “tempo da liberdade” e o “tempo do cativo”. Para Cecílio, a figura da Princesa Isabel aparece como o marco de uma lei que não trouxe mudanças práticas no cotidiano do trabalhador da lavoura açucareira, que ficou “*trabalhando de seis as seis*” ao dia, e se

---

<sup>138</sup> Depoimento de Cecílio Gramosa. Santo Amaro, Bahia, 29 de setembro de 2004. .

não trabalhasse “*ia apanhar*”. Nas palavras do depoente, a Promulgação de Lei Áurea, em 1888, não proporcionou mudanças significativas no dia-a-dia do trabalhador, visto que o mesmo continuou “*cativo*”. A figura histórica de Princesa Isabel aparece na narrativa como não rompendo, apesar da Lei, o “*tempo do cativo*”, da escravidão, em que os escravos cumpriam longas jornadas de trabalho e eram castigados.

Getúlio Vargas, por sua vez, contrariamente, aparece nos depoimentos inaugurando um “*novo tempo*”. Tempo este, em que reconheceu e garantiu os direitos dos trabalhadores, que afirmam que “*a gente não tinha direitos, antes dele*” É neste momento que Vargas aparece como o “*homem que deixou o pirão (a comida) na mesa dos fracos*”, que “*lutou pelos fracos*”. Portanto, Getúlio Vargas é associado ao verdadeiro “tempo de liberdade”. Essa percepção dos trabalhadores se relaciona à valorização do trabalhador do campo e aos direitos trabalhistas que o Estado Novo implementou e que se difundiram através dos veículos de comunicações. Assim, a figura de Getúlio Vargas aparece de forma tão marcante nas entrevistas que os trabalhadores cederam, que atribuem a ele mudanças sociais, mesmo que em seus cotidianos, muitas vezes essas mudanças não tenham acontecido de forma prática:

Eu me lembro de política. Getulio ninguém esquece, né? Porque Getulio teve fatos que marcaram época compreendeu? Criador de leis que protegia o trabalhador, o salário mínimo tudo isso favoreceu muito a memória de Getulio, a sua morte. Ele teve que se suicidar (...). A Revolução de 30 quando ele passou a governar o Brasil é uma história que marcou muito e as pessoas não se esquece. Mas a gente também se lembra de D. Pedro I, D. Pedro II, Princesa Isabel a lei da escravatura, da libertação dos escravos e etc. Inclusive (...) quando ela deu aquela libertação, determinou a libertação dos escravos, a lei dizia o seguinte: “libertação para os escravos e terras para que eles trabalhem”, não fizeram isso não, viu? O Brasil vem corrupto desde Princesa Isabel. Aí o que aconteceu? Tomaram as terras todas dos escravos. Os escravos saíram de mãos limpas. Era pra ter dado pela Lei de Princesa Isabel, era pra ter dado terras pra que eles pudessem trabalhar, desde aquela época ter terra. Ninguém deu. (...) <sup>139</sup>.

---

<sup>139</sup> Depoimento de Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004.

Os depoimentos revelam que Getúlio Vargas e Princesa Isabel aparecem nas narrativas como personagens que simbolizam mudanças fundamentais, na história desses trabalhadores e seus antepassados.

As narrativas demarcam, assim, um tempo do trabalho que se tornou livre legalmente, porém, ainda sentido como “cativo” nas vivências, com certas continuidades da época da escravidão, e com a Princesa Isabel como figura central. Já Getúlio Vargas, aparece nas narrativas como responsável pelo início de um novo tempo. Tempo de real mudança. Tempo de trabalhar menos, de ser protegido da exploração dos usineiros e de ser reconhecido como cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos evidenciar importantes aspectos das histórias e trajetórias dos trabalhadores da cana-de-açúcar da Bahia. Para tanto, esse estudo partiu de uma determinada usina de açúcar do Recôncavo baiano. Trata-se da usina Dom João, localizada no município de São Francisco do Conde, onde funcionou de 1909 a 1969. A partir de uma variedade de fontes, mas especialmente, através dos relatos dos trabalhadores, foi possível conhecer variadas questões do mundo do trabalho açucareiro.

A respeito da importância da usina Dom João no contexto econômico da produção açucareira do Recôncavo baiano do século XX, verificamos que o surgimento da mesma, se confundiu com o contexto de políticas de expansão e modernização instauradas no setor açucareiro do Brasil e do Recôncavo baiano no final do século XIX e início do século XX. Período este marcado pelo crescente desaparecimento dos antigos engenhos tradicionais e surgimento das modernas usinas de açúcar que empregavam tecnologia correspondente à de uma grande indústria.

Nas três primeiras décadas de funcionamento, a usina prosperou, aumentando assim, o seu patrimônio através da compra de unidades agrícolas que no passado foram antigos engenhos de açúcar. Em 1969, fatores de ordem interna e externa contribuem para seu fechamento. A falência da usina gerou impactos diversos na vida de homens e mulheres que dedicaram anos ao trabalho açucareiro. Portanto, significou o início de uma batalha que atravessou as décadas de 70, 80 e até 2002. Ela ultrapassou o tempo e continuou latente na memória daqueles que duramente sobreviveram para contar essa história. Portanto, verificamos os rumos que alguns desses trabalhadores deram às suas vidas após esse traumático acontecimento.

Para plantar a matéria-prima e produzir açúcar, a usina Dom João operava com um variado contingente de mão-de-obra, os trabalhadores fixos e temporários. Os trabalhadores temporários se deslocavam de diferentes áreas da Bahia, principalmente do polígono das secas em direção a usina Dom João.

Os trabalhadores fixos pertenciam a grupos familiares estabelecidos na usina há algum tempo. Muitos eram filhos ou netos de trabalhadores, ou seja, estavam ligados por laços de parentesco. E, desta forma, enraizados ao solo. A maioria foi inserida desde a infância ou adolescência no mundo do trabalho açucareiro através dos pais ou parentes, comrades, conhecidos, amigos. Grande parte desses trabalhadores que nasceram ou migraram ainda criança, juntamente com suas famílias para a usina, iniciaram suas atividades na infância ou na adolescência. Entretanto, havia uma diferença de inserção na vida produtiva entre o filho ou neto de um trabalhador do campo e entre um filho ou parente do trabalhador dos demais setores da usina.

“Chamar boi” era a primeira atividade exercida para aqueles que nasceram ou cresceram numa família de trabalhadores do campo. Para quem nascia ou crescia numa família que exercia atividade nos demais setores da usina, a inserção no mundo do trabalho açucareiro, iniciava-se como aprendiz, a partir dos 14 anos.

Histórias de maus tratos, ofensas verbais e psicológicas, afora os castigos físicos marcam a memória dos trabalhadores que na infância, a partir dos sete a oito anos de idade, chamavam boi.

Os depoimentos apontam para um movimentado processo migratório entre trabalhadores de diversas áreas do Recôncavo baiano, principalmente de Santo Amaro, Terra Nova, São Sebastião do Passe e do próprio município, São Francisco do Conde.

Getúlio Vargas e a legislação trabalhista marcaram especialmente, a memória dos trabalhadores da usina Dom João. Os depoimentos revelaram traços marcantes do



imaginário social construído pelos próprios trabalhadores em torno da figura de Getúlio Vargas. Balizas são demarcadas em torno de Vargas e também da Princesa Isabel. Vargas na memória dos trabalhadores é interpretado como um tempo de mudanças, de trabalhar menos, de serem protegidos da exploração dos usineiros e serem reconhecido como cidadãos. Enquanto que a figura da Princesa Isabel representa continuidades ao tempo do cativo.

A conclusão que chego ao fim desse trabalho, é a convicção de que o tema que propus a analisar é rico e complexo, visto que envolve diferentes questões e múltiplas possibilidades de análise. Neste trabalho, tratei apenas de alguns aspectos que nesse momento considero relevante, para inaugurar algumas das muitas lacunas que pretendo preencher em futuros estudos da história social dos trabalhadores das usinas de açúcar na Bahia do século XX.

## ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Rodolpho Tourinho e sua esposa Francisca Soares Bahia Tourinho (1952), p. 49.

Figura 2. Ficha de registro de Manoel Malaquias Lopes, administrador geral. Usina Dom João (1909), p. 51.

Figura 3. Ficha de registro de Manoel Symphronio Gusmão, carapina. Usina Dom João (1909), p. 52 .

Figura 4. Ficha de registro de Manoel Esperidião da Cunha, chefe de fabricação, usina Dom João (1911), p. 53.

Figura 5. Ficha de registro de Braulino Costa Pinto, cozinheiro, usina Dom João (1911), p. 54.

Figura 6. Ficha de registro de André Braz, oficial mecânico, usina Dom João (1914), p. 55.

Figura 7. Ficha de registro de Francisco de Assis, vaqueiro. Usina Dom João (1938), p. 58.

Figura 8. Casas de trabalhadores da cana-de-açúcar na Bahia, p. 77.

Figura 9. Vales para compra de gêneros alimentícios no armazém da usina Dom João, p. 80.

Figura 10. Comprovantes de pagamento de salários, Usina Dom João, p. 80.

Figura 11. Cotidiano do trabalho no canavial depois da queimada. Trabalhadores cortando e despalhando cana. Transporte da cana em burro de carga. Usina Dom João (década de 40), p 86.

Figura 12. Administrador e feitor. Usina Dom João (década de 40), p.

Figura 13. Ficha de registro de Manoel Ezequiel do Amaral Júnior “Nequinha do Amaral”. Usina Dom João (1942), p. 99.

Figura 14. Ficha de registro de Manoel Ezequiel do Amaral Júnior “Nequinha do Amaral”. Usina Dom João (1942), p. 101.

Figura 15. Ficha de registro de Zilar do Amaral, datilógrafa. Usina Dom João (1945), p. 102.

Figura 16. Ficha de registro de Cristhovam Negreiros, serralheiro. Usina Dom João (1941), p. 105.

Figura 17. Ficha de registro de Raimunda Negreiros, auxiliar de escritório. Usina Dom João (1962), p. 105.

Figura 18. Meninos no canavial conduzindo bois com cargas de cana. Usina Dom João (década de 40), p. 118.

Figura 18. Ficha de registro de José Bitencourt, p. 123.

## **TABELAS**

Tabela 1. Funções dos trabalhadores da usina Dom João (1910-1940), p. 56.

Tabela 2. Variedades de funções, usina Dom João (1935-1969), p. 69.

## **FONTES**

### **FONTES ORAIS**

Ademário B. Cardoso. Santo Amaro, Bahia, 29 de abril de 2004

Agnelo Majestade. Santo Amaro, Bahia, 10 de outubro de 2004; 10 de janeiro de 2006

Angelino Ribeiro. São Francisco do Conde, Bahia, 27 de julho de 2004

Ângelo Gomes de Sousa. São Francisco do Conde Bahia, 26 de janeiro de 2006

Cecílio Gramosa. Santo Amaro, Bahia, 29 de setembro de 2004

Cesário Barbosa, Terra Nova, Bahia, 13 de maio de 2004

Dejanira dos Santos. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006

Florisval Majestade. Santo Amaro 15 de abril de 2004; 12 de dezembro de 2004

Germínio dos Santos. São Francisco do Conde, Bahia, 24 de janeiro de 2005

Gildete Santos Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005

José Barbosa. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006

José Bitencourt. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006

José Falcão. São Francisco do Conde, Bahia, 06 de abril de 2004.

José Joaquim dos S. Pena. São Francisco do Conde, Bahia, 30 de novembro de 2005

José Marques Batista. São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006

Lourdes Barbosa, São Francisco do Conde, Bahia, 25 de janeiro de 2006

Manoel Ezequiel do Amaral Júnior. São F. do Conde, Bahia, 25 de julho de 2005

Manoel dos Santos. Candeias, Bahia, 02 de dezembro de 2004.

Noelia de Souza. São Francisco do Conde, 27 de novembro de 2004.

Raimunda Negreiros. Santo Amaro, Bahia 16 de julho de 2004 e 14 de abril de 2004

Walfredo Chaves. São Francisco do Conde Bahia, 14 de julho de 2004

Zilar do Amaral. São Francisco do Conde, Bahia, 06 de abril de 2004

## **JORNAIS E REVISTAS**

Jornal *O Momento*, 1948. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Jornal *A Tarde*, 1962. Biblioteca Pública do Estado da Bahia

Revista *Brasil Açucareiro*. Biblioteca Pública do Estado da Bahia

## **MANUSCRITOS**

Livros de Notas do Tabelião, 1910, 1927, 1942, 1943, 1971. Santo Amaro, Bahia.

## **IMPRESSOS**

Processo Trabalhista (2002). Tribunal Regional do Trabalho da 5ª região, Santo Amaro, Bahia.

## **ARQUIVOS PARTICULARES**

Agnelo Majestade

Ana Tourinho

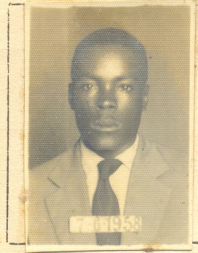
Angelino Ribeiro

Raimunda Negreiros

## ANEXOS

Fichas de alguns dos trabalhadores entrevistados  
durante a pesquisa





N. ....

Nome Germinio dos Santos 92

Filiação { Pai .....  
Mãe Maria dos A. dos Santos

Carteiras { Profissional N. 84555 Série 101  
Instituto I.API N. 17968475 -  
Reservista N. .... Série. .... Categoria 18154398 29  
Estrangeiro .....

Sindicato a que pertence ..... Matrícula n. ....

Estado Civil solteiro Instrução: primária Idade 25 anos

Data do nascimento: São Fco. do Conde Nacionalidade: Brasileira

Lugar do nascimento: 10 de abril de 1933

Residência: Usina Dom João Data da admissão 4 / 9 / 58

Quando estrangeiro: { Data que chegou ..... / ..... / ..... É naturalizado? .....  
É casado com brasileira? ..... Tem filhos brasileiros? .....

Categoria e ocupação habitual Servente Salário 80,00 diários

Para trabalhar das 7 às 12 horas, com o intervalo de 1 horas para refeição e descanso,  
e aos sábados das 7 às 12 horas; num total de 48 horas semanais.

Fórmula de pagamento quinzenal Nome dos beneficiários filhos

Assinatura do empregado: Germinio dos Santos

Data 12 / 09 / 58

Data da dispensa ..... / ..... / .....

Fólio do livro de anotações .....







N. 685

Nome Valfredo Chaves

Filiação { Pai Alfredo Chaves  
Mãe Maria Brasilina Chaves

Profissional N. 17881 Série 124

Instituto I A P I N. 16725383

Carteiras { Reservista N. \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_ Categoria \_\_\_\_\_

Estrangeiro \_\_\_\_\_

Sindicato a que pertence \_\_\_\_\_ Matricula n. \_\_\_\_\_

Estado Civil Solteiro Instrução: primária Idade 28 anos

Data do nascimento: 12-10-935.- Nacionalidade: Brasileira

Lugar do nascimento São Francisco do Conde-Ba.-

Residência Dom João Data da admissão 1/8/63

Quando estrangeiro: Data que chegou \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_ É naturalizado? \_\_\_\_\_

É casado com brasileira? \_\_\_\_\_ Tem filhos brasileiros? \_\_\_\_\_

Categoria e ocupação habitual Trab. Rural Salário Por Tarefa

Para trabalhar das 7 às 16 horas, com o intervalo de 1 horas para refeição e descanso, e aos sábados das 7 às 16 horas; num total de 48 horas semanais.

Fórma de pagamento quinzenal Nome dos beneficiários \_\_\_\_\_

Assinatura do empregado Valfredo Chaves

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Data da dispensa: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Fólio do livro de anotações: \_\_\_\_\_

Polégar direito



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Calmon Du Pin e. *Ensaio sobre o fabrico do açúcar*. Salvador: Fieb, 2002.

ALMEIDA, Rômulo. *Nordeste: desenvolvimento social e industrialização*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

ALVIM, Rosilene. *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

ALVIN, Rosilene. *Família e operários de origem camponesa: uma leitura da crise do Brasil arcaico* in: *Cultura & identidade operárias: aspectos da cultura da classe trabalhadora*. UFRJ: Museu Nacional, Marco Zero, 1987.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Organizadoras). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANTONIL, André João. *Cultura e opulência no Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia, 1982.

ARAÚJO, Tatiana Brito de. *Os engenhos centrais e a produção açucareira no Recôncavo baiano, 1875-1909*. Salvador: UFBA. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, 1983.

AZEVEDO, Brandão, Maria. *Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição*. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1998.

AZEVEDO, Esterzilda. *Arquitetura do açúcar. Salvado*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 1984.

BARICKMAN, B.J. *Um Contraponto Baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BARICKMAN, B. J. "Até a véspera da: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do Recôncavo baiano (1850-1881)". *Revista Afro-Ásia*, 21-22, 1998-99.

BOSI. Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CERQUEIRA, Carlos Valeriano. *História da cultura da cana na Bahia*. Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia. Salvador: Tipografia Beneditina Ltda, IGHB, 1950.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores da belle époque*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001.

COSTA PINTO, L. A. *Recôncavo: laboratório de uma experiência humana*. Salvador: Editora Costa Pinto, 1997, 2ª edição.

CUNHA, Joaci. *Amargo Açúcar: aspectos da história do trabalho e do capital no Recôncavo açucareiro da Bahia, 1945-1964*. Salvador Dissertação de Mestrado, UFBA, 1994.

DE CARLI, Gileno. *História contemporânea do açúcar no Brasil*. IAA, 1940.

EISENBERG, Peter L. *Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco, 1840-1910*. Campinas: Paz e Terra, 1977.

FERREIRA, Jorge. “Quando os trabalhadores querem: política e cidadania na transição democrática de 1945”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias e trajetórias de escravos e libertos na Bahia: 1870-1910*. São Paulo, Unicamp, Tese de Doutorado, 2004.

FREIRE, Gilberto. Nordeste. *Aspectos da influencia da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1985.

FRENCH, John. *Afogados em Leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. “Sobre apropriações e circularidades: memória do cativo e política cultural na Era Vargas”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998.

GOMES, Ângela de Castro. (org). *Trabalho e Previdência: sessenta anos em debate*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. “*O imaginário sobre Getúlio Vargas*”. Revista da Associação Brasileira de História Oral, número 1, junho de 1998.
- LARA, Silvia Hunold. “*Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*”. São Paulo: Projeto História, 16, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, Editora UNICAMP, 1992.
- LEITE LOPES José Sérgio. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”*. São Paulo: Marco Zero, 1998.
- LEITE LOPES, José Sergio. *O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MATOS, Milton dos Santos. *Recôncavo: berço dos canaviais*. Salvador: Editora Itapoan, 1975.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiróz. *Bahia século XIX. Uma província no império*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1991.
- MATTOSO, Kátia M. de Queiróz. *Bahia: a cidade do Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo Hucitec, 1978.
- MEYER, Dóris Rinaldi. *A terra de santo e o mundo dos engenhos. Estudo de uma comunidade rural nordestina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo, Contexto, 1994.
- NEVES, Lucília de Almeida. “*Memória e História: Potencialidades da História Oral*”. Art Cultura, Uberlândia-MG, volume 5, n. 6, janeiro-junho/2003.
- NOVIS, Renato. *A agroindústria do açúcar no Recôncavo da Bahia*. Salvador: Associação Comercial da Bahia, 1968.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *A crise da economia açucareira do Recôncavo na segunda metade do século XIX*. Salvador: FCJA; UFBA – Centro de Estudos Baianos, 1999.



OTT, Carlos. *Povoamento do Recôncavo pelos engenhos, 1535-1888*. Bahia: Editora Bigraf, 1996.

PALMEIRA, Moacir. “*Desmobilização e conflito: relações entre trabalhadores e patrões na agroindústria pernambucana*” In Revista de Cultura e Política, vol. 1 agosto de 1979.

PALMEIRA, Moacir. *Feira e mudança econômica*. Simpósio de Pesquisas do Programas de Pós-graduação do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1970.

PANG, Eul-soo. *O engenho Central Bom Jardim na economia baiana: alguns aspectos de sua história, 1875-1891*. Rio de Janeiro: NA, IHGB, 1979.

PEDREIRA, Pedro Tomás. *Memória histórico-geográfica de São Francisco do Conde*. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1977.

PERRUCCI, Gadiel. *A república das usinas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

POLLAK, Michael “*Memória e identidade social*”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10.

POLLAK, Michel. “*Memória, esquecimento e silêncio*”. Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989.

QUEDAS, Oriowaldo. *A intervenção do Estado e a agroindústria açucareira paulista*. Piracicaba: Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, 1972.

REGO, José Lins do. *Usina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1985.

RIOS, Ana Lugão. MATTOS, Hebe. *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SCHWARTZ, Stuart. *Segredo internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIGAUD, Lígia. *Os clandestinos e os direitos: estudo sobre trabalhadores da cana-de-açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

SILVA, João Saturnino. *O sistema agroindustrial canavieiro do Recôncavo baiano: uma aproximação sociológica*. Salvador: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 1973.

SZMRECSÁNYI, Tamás. *O planejamento da agroindústria canavieira no Brasil, 1930-1975*. São Paulo: Hucitec, 1979.

THOMPSON, E. Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. Palmer. *As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos*. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURINHO, Maria Antonieta de Campos. *O Imperial Instituto Baiano de Agricultura, a instrução agrícola e a crise da economia açucareira na segunda metade do século XIX*. Salvador: Dissertação de Mestrado, UFBA, 1982.

VELHO, Gilberto. “*Memória, Identidade e Projeto*” Revista TB, Rio de Janeiro, outubro/dezembro, 1998.